



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Ano XIV — N.º 359 — Preço 1\$00
14 DE DEZEMBRO DE 1957

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS
Vales de correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

Facetas de uma Vida



É a primeira vez que um conto vê a luz n'«O Gaiato».

É o Américo seminarista, a dizer, «não só o que escreve», mas «também o que é»; melhor, o que viria a ser: Pai Américo de tantos enjeitados.

Trinta e nove anos de vida, como os outros, trinta que viveu depois, no contacto íntimo da mais real miséria, nunca lhe roubaram o lirismo dramático do contista de 1926.

«Poeta da miséria» — seria chamado. Sim. Poeta de mais que versos. Poeta do amor de Deus consumado no amor do Próximo.

A história de «Um Milagre» realizou-se muitas vezes na sua vida de Pai. Quantos dos nossos rapazes vindos de muitas Rodas desandadas se salvaram por «um sorriso» dele que os iluminou e aqueceu a tempo!...

Poeta, sim, mas de mais que versos. Poeta do amor frutificado.

Um Milagre

Era enjeitado. Tinham-no ido buscar à Roda, não por amor, mas por interesse, e usava ainda ao pescoço, enfiada num cordel, a medalha de chumbo com o número oficial. Os amos a quem servia, uns rendeiros sórdidos e avarentos, haviam-se proposto fazer as terras sem meter gente de fora, «por causa das soldadas altas» e o pequeno enjeitado trabalhava no campo a par deles, durante longas horas, com pesadas ferramentas.

Ainda o dia vinha longe e já o amo lhe atirava dois berros: «que já eram muito horas de sair». O enjeitadinho apresentava-se logo, nas suas calcitas de estopa, descalço, carapuça enfiada na cabeça, procurando em vão ouvir do amo uma palavra meiga ou ver-lhe um ar de graça. À noite, a horas de ceia davam-lhe a tigela do caldo a um canto da lareira, longe da mesa, «e que comesse depressa, que era por esmola».

Tinha mudado tanto o pobrezinho!...

Chegara da Roda uma criança forte com toda a graça e frescura próprias da sua idade. e agora o excesso de trabalho neutralizara-lhe as forças, e o medo do amo tornara-o bisonho e triste!

O rapazio do lugar, ao passar por ele, chamava-lhe: «o

sapo concho», o «corcovado», e o enjeitadinho mandava-lhe um olhar de profunda agonia!

Um domingo de Dezembro, ao calor dum sol sem nuvens, o nosso enjeitadinho entretinha-se com uma pequena armadilha de pardais, na horta, quando o amo chega de fora e o intima rudemente a que saia com os bois para o lameiro da Igreja, depois de lhe haver quebrado no corpo o inocente brinquedo. O sino da Igreja tocara momentos antes para a devoção da tarde, e o povo passava junto do lameiro nos seus fatos domingueiros. O enjeitadinho sente desejo de ir também. Prende a soga dos bois a um castanheiro e arrisca uns passos até ao adro e, a medo, enfia a cabecita pela porta da Igreja. Os bois, em baixo, ruminam silenciosos. Ele espreita, hesita, entra e dá com os olhotos na figura veneranda do Sr. Cura, que num sorriso de infinita bondade, abraça todos os presentes.

Um sorriso!
Corre para perto dele e ouve que, numa terra muito longe, havia duma vez um homem rico, poderoso, com muitos criados, que amava muito as criancinhas, e não deixava que as maltratassem, que dava o mel às abelhas, o pão aos po-

brezinhos e as asas às rolas!

O enjeitado sai as portas da Igreja com a cabecita cheia de ideias confusas. À noite, em casa, atiraram-lhe uma còdea para o lugar do costume «e que amanhã se fariam as contas».

Tranzido de medo, cheio de fome, sobe ao paineiro aonde dormia e, na escuridão do cubículo, tão negro como a sua vida, vislumbra a cena da Igreja. Recorda o sorriso meigo e doce do Snr. Cura e o homem rico e poderoso que amava tanto as criancinhas. Num gesto longo de agonia, farto de tanto sofrer, esconde a cara com as mãozitas e cai de brucos sobre o catre, num desejo ardente de ser levado por tal homem...

Na manhã seguinte, quando o amo, irritado, abre a porta para o castigar, encontra, embrulhado nuns farrapos de manta, o cadáver do enjeitado!

No dia do enterro o Snr. Cura volta-se para a gente que o acompanhava e exclama com ar de alegria:

«Accercitus ab angelis»

FREI JUNIPERO

(Lume Novo—N.º 1—8-12-26)

CRIADITAS DOS POBRES

Não vá supor-se, pelo silêncio aqui mantido, que elas desapareceram ou afrouxaram. Bem ao contrário. A sua actividade tem crescido tanto e os resultados tão prometedores, que Irmã Maria do Céu não me deixa pela necessidade de ampliação da casa e da construção de outra para Patronato.

Ela tem razão. Pai Américo sonhou por largo a acção das Criaditas naquela zona ribeirinha, crivada de miséria. Ele chegou a prometer às carrejonas do mercado das frutas e do mercado a céu aberto nos Arcos do Barredo, que os seus pequenitos, guardados em cestos, ao pé delas, no centro do turbilhão, iriam ter, das mãos das Irmãzinhas, a higiene, o recolhimento, a alimentação que a sua tenra idade reclama.

Porém, a casa delas em Mira-gaia, é já pequenina arca de noé.

Não comporta mais ninguém; e não comporta sequer todos os bebés do Bairro de D. António Barroso! Depois, há os mais cresciditos, deles e delas, que não são já de Infantária, mas de Patronato. É preciso salas onde eles se entretendam, estudem e trabalhem nas horas que a escola deixa de sobejo e os abandona à tentação da rua.

A Ir. Maria do Céu tem razão em me crivar e eu, por não poder valer-lhes sórinho, também a tenho em lhe fugir. Em todo o caso já tenho discutido algumas soluções possíveis, como se elas o fossem para já! Até um engenheiro amigo, que vive com inteligência acuecida no seu coração os problemas dos Pobres, é comparsa nesta procura de remédio.

A Câmara acaba de instalar no Bairro, no último plano, que ficara livre para isso mesmo, um

pequeno parque infantil. Baloiços, argolas, carrossel... Até eu já pedi às Irmãs uma tarde de domingo com os rapazes do Lar, para recordarmos os tempos de menino! Mas nós voltamos a precisar da Câmara e dos amigos da Alfândega e dos comerciantes da zona e de toda a gente de boa vontade, para realizarmos o sonho largo de Pai Américo, dando asas às Criaditas.

Elas, por ora, não têm sido muito acarinhadas pelo Porto. Tirando o esplêndido fogão eléctrico, que a devoção de dono e operários da oficina lhes deu; e alguns donativos avulsos; e, sobretudo, o auxílio diário de vários quilos de pão e de hortaliças e peixe, do Bolhão e Bom Sucesso — tirando estas ajudas, Irmã Maria do Céu e suas quatro companheiras fazem prodí-

Cont. na terceira página

miscuidade é geral e natural. Não há sequer divisões no interior das moradas. Na primeira, muito rasteira, vivem cinco crianças com sua mãe. Daquelas, só a mais tenra conhece o pai. Mais pranto e contrição de mãe.

Dali parto a percorrer o resto da pedreira. Ao fundo, sob a barreira que ameaça cair ergue-se um monte de tábuas desconjuntadas. Procuro os moradores. Descenço um velhinho muito enfiado e trémulo, que choraminga os bons dias: «Vivo aqui há 38 anos. Estou entrevado. Minha mulher cegou.» Por mãos de vizinhas foi de manhã à sopa da misericórdia. É um pão e uma panela. «Olhe que só temos isto». Abro os olhos de espanto e ouço repetir: «É só do que vivemos! Estamos à mercê de Deus». Bendita gente que confia e espera. Não há imprecações, nem malquerenças, nem desconformidade. Por isso mesmo gosto tanto de subir aos montes e dar com o povo humilde de outros tempos que nos ensina o abc da virtude. Apesar de vítimas, de rejeitados, conservam a fé e a esperança e um amor grande ao Pai Celeste. Qual de nós, se ali morasse? Não precisam de emblema para serem conhecidos. Basta ouvi-los. Pela fala se conhecem.

Mas, nem por isso se pode negar que sofrem menos. Estas pedreiras são um mar de sofrimento!

Escorraçar é lei vigente na incoerência e na subintenção de quem traça planos urbanísticos. Que são estes recantos repletos de seres, senão a confirmação disto mesmo? Não há hoje lugar para eles, como o não houve igualmente para o Pobre de Belém, que foi nascer num curral.

Ocorre-me neste instante a visita de vicentinos ao Tojal. O assunto: Casas de Pobres. Na despedida pretendem entregar um donativo como é da praxe. Pergunto se não conhecem Pobres onde vivem, o que não creio, pois, por via deles ali estão. «O próximo é o que está mais perto». Ficam admirados com a descoberta. «Próximo é o que está mais perto» — renetem à questão de significado. E partem de boca aberta.

Porque havemos de ir longe descobrir ocasiões para exer-

— Continua na segunda página

TRIBUNA DE COIMBRA SETUBAL

Causa-nos sempre profunda impressão a atitude dos indiferentes a afirmar que a caridade também cansa. Como se a caridade fosse uma virtude meramente humana...

Não cansa; antes, quanto mais, mais. Não envelhece, nem diminui. É sempre nova e pujante. Vem de Deus. É uma participação da vida de Deus.

Enquanto fomos correndo o calvário dos Pobres que relatamos na Tribuna anterior, ouvimos e gravamos em nós os seus desabafos: **o que nos tem valido tem sido aquela senhora que V. cá trouxe. Quando ela cá não pode vir, vamos nós a casa dela.**

É um senhora viúva e com muitos filhos. Tem alguns bens de fortuna mas não é rica. Sente a vida de seus irmãos. Aflixe-se com a sorte deles. Ama-os, porque sabe que ama a Deus neles.

Foi um dia comigo, a seu pedido, visitar estas famílias pobres. Vi-lhe muitas lágrimas nos olhos. Deixou-se enamorar e conserva ainda esse amor. São muitas famílias que ela socorre. Acontecia que quando chegava àquele meio, era uma multidão à sua volta e ninguém se entendia. Agora, geralmente, vão a sua casa. Trazem mercearia, leite, carne, roupas e quando doentes, pega no seu carro e leva-os ao hospital. Isto há muito tempo. Quem há ainda que diga que a caridade se esgota? Se fosse uma coisa material, sim; mas a caridade está acima de tudo que é matéria. Quanto mais se ama, mais capacidade se tem para amar.

De regresso à Baixa conversei com um senhor que Coim-

bra conhece. Tem procurado fazer alguma coisa pelos outros. Já o sabia e ele, sem querer, confirmou. Na inauguração da sua empresa, em vez de oferecer um banquete a muitos convidados, pegou na soma grande de contos que gastaria e deu-os aos Pobres.

Dizia-me ele, e com muita graça, que com um banquete só arranjaria sarilhos: um, porque não foi convidado; outro, porque não lhe deram um lugar especial; outro ainda, porque foi convidado um amigo com quem se não entende; e mais, e mais, e mais.

Que grande atitude de acerto na nossa época em que tudo se comemora com grandes banquetes!...

Voltei a casa no meio de duas forças. Dum lado, a situação miserável e desumana de tantas famílias; do outro, a atitude tão cristã de quem ainda se interessa pelo seu semelhante.

Nesta época em que vivemos, temos necessidade de mais amor. Parece que há quem julgue que a Caridade é uma virtude exclusiva dos padres e das Obras conhecidas da Caridade. E a Caridade é o Mandamento Novo de salvação para todos. Está ao alcance de todos.

É tão frequente ouvir dizer: **é uma grande obra de caridade que Deus lhe pagará!** Então as cartas que vêm a pedir a admissão de rapazes nas nossas casas! Geralmente trazem este rótulo. E quando são as senhoras a pedir para os filhos das suas criadas o rótulo é insistente, porque se o não aceitar tenho de a mandar embora. E muitas vezes as senhoras ficando com as criadas e

seus filhos, não faziam só obra de Caridade, mas de Justiça. Quem é o pai?

Que ninguém nos leve a mal, mas frequentemente dizemos que se é obra de caridade aceitar tal criança em nossa casa, não é menos para quem pede, aceitá-la na sua. Cada um de nós tem necessidade de fazer bem. Não basta a nossa vida particular. É preciso afligirmo-nos com os outros e amá-los. É matéria das nossas contas, naquela hora, quando chegarmos à presença de Deus.

Padre Horácio

Aqui, Lisboa!

Cont. da pág. UM

cer a caridade, se nas nossas vizinhanças elas abundam? Caímos até no perigo de cruzar braços diante de dimensões que não podemos abarcar. Não nos é pedido que vamos longe; é-nos ordenado que procuremos de perto amar o próximo. Cada um olhe pelo seu vizinho, pelos da sua terra, pelos de sua pátria. É quanto basta. Faça cada qual o que a ocasião sugerir. Cumprir o dever e o benefício resultante por certo será maior.

P. e BAPTISTA

OFERECE-SE—Oca-
são para uma senhora
generosa consagrar sua
vida a um ideal alto mas
espinhoso, trabalhando na
nossa casa do Tojal.

CANTINHO DOS RAPAZES

Não resisti: — «Vou um dia por semana, mais do que dar, aprender e receber da visita aos Pobres. Cada dia nos dão alguma lição. Umhas vezes de resignação, mas de resignação heróica; outras, de caridade que não vemos nas altas esferas. Outras de miséria, de desgraça, de angústia. Penas trágicas de doenças sem remédio, de meses de renda de casa por pagar e sem trabalho; de pessoas com corações grandes, sem ideias, sem instrução, sem nada; penas de lágrimas de crianças que pedem pão. Aqui se vê que a primazia do homem está na alma. Não têm pão (já não digo bolos, não têm pão!) nem cama. A higiene é desconhecida... e contudo têm virtudes. Virtudes toscas mas virtudes grandes. Se não levam vida moral é porque lha não ensinaram e porque a não vêem na rua. Porque a não vêem nos de cima onde a deviam ver. Para compreender estas coisas é preciso cheirá-las».

Li e meditei. Li e não resisti. É um testemunho vivo. É a alma de um jovem que se mostra em toda a sua grandeza. São muitos os caminhos. Este rapaz viu um, o que pareceu ser o dele e não hesitou. Pai Américo sabia, por experiência, quanto pesa na formação de um jovem o seu amor pelo Pobre. Quis que em todas as casas não faltasse a conferência vicentina. Era um sinal de vitalidade interior. Era um dos meios não menos eficazes para alcançar um fim — a formação de homens.

Há uma palavra que anda na boca de toda a gente. É a palavra crise. Na economia, na política, no domínio do pensamento, nas relações entre os homens. Tudo porque há crise de homens. Sim, há crise de homens.

Aos meus ouvidos soaram, muitas vezes, expressões como esta: «Para se triunfar na vida é preciso ser-se o que se não é». Contradição.

E vós, caros rapazes, que viveis em contacto íntimo com o mundo tereis chegado, talvez, à mesma conclusão. Olhai, triunfos que são derrotas porque fundados na mentira. É a mentira do mundo que há-de ser suplantada pela verdade da vossa vida. Há crise de homens porque há crise de Ideal. Olho uma grande parte da nossa juventude e vejo-a caminhar para o abismo. Construiu para si um ideal — efémero, sem consistência, enganador. A esses jovens para quem a vida não tem nada de grande deixo o testemunho daquele rapaz. A vida tem o valor que lhe quisermos dar. Construí a vossa grandeza no seio da vulgaridade que vos rodeia. «A primazia do homem está na alma».

P. e Manuel António

Visado pela
Comissão de Censura

Todos os dias batem à nossa porta Pobres.

Trazem os seus problemas e as suas dores e vêm expor aqueles e chorar estas na esperança duma solução e de conforto.

São problemas intrincados que ainda ninguém resolveu e jamais soluciona sozinho. São dores profundas que lhes fazem rebentar choro abundante capaz de perturbar as próprias pedras que pisamos.

Pouco mais tenho feito que ouvir, dizer uma palavra e observar que os Pobres não se contentam com palavras, que os seus problemas não se resolvem assim, que a sua dor não encontra o bálsamo desejado num conselho amigo ou somente no arrimo de alguém que se limita a ouvir desabafos, tão íntimos e tão doridos. Os Pobres querem remédio que cure e não apenas morfina que alivie.

Eu fui outro dia dar o meu giro. Não conheço ainda concretamente as muitas necessidades dos vários bairros de lata que rodeiam esta cidade de encantos. Observo os bairros e as latas que fingem parede e tecto destes numerosos cubículos onde se amontoam famílias e famílias, misérias e misérias. Conheço as ruas estreitas, tortuosas, lamacentas e adivinhei um nadinha o drama que se desenrola no interior de antros desta natureza.

Passava fazendo-me despercebido do ambiente que me envolvia, de cabeça baixa, a meditar na grave situação de tantos irmãos meus, na sua sorte e sorte de muitos outros que lhes podem valer e valer-se. Esta cidade, muita gente o diz, pode valer aos seus Pobres e valer-se a si mesma. A sorte dela é eterna e da solução destes problemas humanos depende em muito boa parte a questão de além-túmulo. Uns precisam do auxílio material para poderem viver como homens e observarem a Lei Divina. Outros necessitam do apoio moral que lhes vem das boas obras, de justiça e caridade na proporção dos seus bens.

Se um copo de água tem recompensa celeste, o óbulo da viúva que deu o que tinha mereceu muito mais que milhares dos fariseus da alta classe judaica.

Surpreendeu-me um tanto a atitude de três mães de família. Chamam-me

— Venha cá.

— Que me quer?

— Venha cá.

Perante a intimativa, fui.

Estas três mães chamaram-me para que eu visse a verdade nua e crua das suas situações.

Uma falou pelos filhos. Pareceu-me boa mãe. Limpa, assada, de sentimentos nobres, como todas as boas mães. «Eu não posso viver aqui com os meus seis filhos». O pai também estava. «Sabe senhor pa-

dre, é que esta já é uma mulherzinha». Falava da mais velha, de seis anos. Ele, homem novo, envelhecido pela doença e pela escassez de vida, perdera a esperança de sair daquela barraca para uma casa sua. Eu apertei as mãos na cabeça e pedi a Deus que me desse a aflição dos Pobres e afligisse também os outros homens.

Outra falou pela família. Um rancho de filhos. «O meu home está velho. Chove aqui como na rua!» A barraca era de pedaços de remo carcomido e coberta de latas gastas pelo tempo e pela ferrugem. Forrara-a de papelão mas este não vedava a água.

Outra foi por um vizinho, que falou. Ele, sem uma perna, vende jogo para comer. Sem família alguma. Tem quarenta e cinco anos. Dorme e habita numa coisa sem nome, de um metro e meio de comprimento por meio de largo e meio de altura, cujo coberto de latas está encostado a uma barraca velha. Por baixo são umas tábuas um saco e farrapos. É um irmão nosso.

Tu leitor pede a Deus também a aflição dos Pobres, que quando de facto nos afligirmos todos o problema pode começar a resolver-se positivamente.

«Não há direito que nos tenham assim a viver». Sabes quem são os atingidos por este grito?

— Eu mais tu. Medita.

Padre Acílio

Chales de ORDINS

Pode ser que algum dia fale aqui dos mártiros da Ti Zulmira. Para já, apenas direi que estou resolvido a reparar-lhe a casa, género «espigueiro», em que vive. São reparações que equivalham a meia casa feita. Mas não sei onde buscar o dinheiro. O Senhor, porém, vai-me pondo no caminho. A conferência dar-me à tudo quanto puder, que não é muito. Snr. P. e Carlos, apertado, prometeu 250\$. Olhe que a reparação avalei-a muito por baixo. Multiplique o prometido por três e terá, então, metade do custo. Já que dá «metade»... Acaba o correio de me entregar 100 para a Conferência vindos de Penafiel. Até parece um voto. A mesma letra. A mesma quantia. A mesma pontualidade. Desta vez, os 100 andaram por Entre-os-Rios, em lugar de endereçados para Ordins — Paço de Sousa. Com estas esperanças, Ti Zulmira vai ter casa decente.

Castêlo da Maia veio até cá por 8 chales e prometeu voltar. É boa gente. Faz calor à sua volta. Uma nota das grandes tudo liquidou. A demasia (100\$) é «para elas». Se me dá licença,

Cont. na pág. QUATRO

Património dos Pobres

Não é o primeiro choque com a inércia insincera que se acoberta sob o critério falso de que não vale a pena remediar nenhum, «se não se podem remediar todos os casos».

Ainda hoje me aconteceu de novo, através do grito de um vicentino, bom samaritano, que não se acomoda a deixar o ferido na berma do caminho, só porque há muitos outros feridos na beira de muitos caminhos, aonde ele não chega.

Pois não, ele não chega! Aí está justamente a causa principal da insuficiência do remédio para tantos e tão profundos males. Ele não chega porque é sózinho, ou quase só. O resto, a multidão, aponta argueiros nos olhos dos vizinhos, mas nem um gesto para arrancar a trave dos seus. E, de cega continua cega, a dizer que não vale a pena.

O Evangelho diz de outra sorte. O Reino de Deus, que tem dimensões de eternidade, cresce de uma semente pequenina como o grão de mostarda. As obras de Deus, que são o alargamento do Seu Reino, conhecem-se mesmo por este sinal. Os homens costumam fazer ao invés. Planos óptimos, grandiosos mesmo, «torres de Babel» a cantar o seu orgulho. Mas só os planos são perfeitos. As obras, essas não chegam a ser, ou ficam «capelas imperfeitas».

Ainda há pouco soube de uma paróquia onde se projectam 80 casas. Foi ainda Pai Américo quem deu o primeiro impulso com um cheque bem feitinho. Pois a tenção das 80 casas consta-me que está de pé; casas, porém, nem uma.

A própria história do Património não é assim. Ele nasceu pequenino no coração dos vicentinos de Paço e Sousa. Estes confiaram a dor a Pai Américo. Ele lá a sentia e não esperou mais após aquele alarme. Quando falou das casas a primeira vez, elas subiam já. Uma solução modesta para alguns casos mais urgentes. Depois foi falando no «vamos prás cem casas», julgando-as muito ao longe.

O grão de mostarda, porém, breve se faz árvore, fértil em frutos e em sombra. A bola de neve desceu e cresceu. Ainda não passaram seis anos sobre a primeira notícia e as cem calculo-as multiplicadas por 15.

Que seria se se pensasse nas 200 mil famílias que os censos acusam sem habitação digna do nome do Lar e se decidisse abrigá-las todas?! Certamente não estaria nenhuma. Assim, passo a passo, mas muito certo e firme, podemos dizer que o Património, dando as mãos a outras soluções diversas para problemas diversos, vai no caminho das 200 mil.

Aos que não mexem numa palheira, «porque na nossa freguesia não é preciso» (Qual será a bemaventurada?) ou «porque não se podem remediar todos os casos», Deus os converta à Lei Nova e os

ensine a querer para os outros o bem que para si.

x x x

A última volta foi uma visita a soluções modestas ao longo da costa, desde o Porto a Caminha.

Começamos por Marinhas de Esposende. Gente muito pobre. Tudo pedreiras. A terra dá pedra e umas couves e batatas em certos lugares donde a pedra já saiu. Salários dos 18\$ aos 22\$. Famílias numerosas, graças a Deus. O grosso da população vive em cortelhas. Alguns pedreiros com mais coragem metem-se com os filhos e alguns companheiros a fazer as suas casitas. Enquanto é pedra tudo vai bem. O monte a dá; eles a fazem. Mas quando chega à divisão interior e à telha, é preciso dinheiro. É então que eles batem à porta do pároco e este, fazendo sua a dor deles, bate à nossa.

É uma família remediada naquilo que é seu e uma outra, muito simpática, muito digna, com sete filhos, e uma casa já telhada e muito linda, onde esperam comer a consuada.

Um nadinha acima é Belinho. Pároco e paroquianos como em Marinhas. É outra família numerosa e outra casa muito linda. Falta ainda acabá-la por dentro, mas as divisões essenciais já estão. Esta gente empenha-se pelo amor de sua casita. São cinco contos a 10%. Lá vão arrançando, a custo, os 500\$ anuais, mas a dívida essa fica sempre de pé.

Depois Viana. Aí são dois vicentinos destemidos, ambos empregados nos estaleiros. A família que eles querem ajudar vive num barraco, que ainda é dentro da casa pronta de paredes e telhado. Ainda são 10 contos. Mas têm mobilizado tudo e devem conseguir materiais que quase os equivalham. Depois vamos nós pela mão de obra.

Paramos em Âncora, mais em Riba d'Âncora onde se estudou um aproveitamento. Vimos a cortelha onde ela agora mora com os quatro filhos, cada um de seu homem. Ela não estava. Um pequenito de olhos muito espertos é quem nos responde.

— Este é teu irmão?

— Não. Este é de fulano. Aquele é de cíciano.

Fulano e cíciano eram os pais dos meio-irmãos, que não o seu. O pequenito falava assim com um realismo gélido, sem um sorriso, como que sorvendo todo o drama daquela família sem pai e sem rumo.

Aquela é a família mais necessitada. Os fariseus escandalizam-se por causa do comportamento moral. Pois é por via mesmo de o reformar que o pároco quer dar-lhes condições de vida. Ele é médico de almas. Sente o mal das mais doentes e procura-lhe remédio. Aquele é o caso mais necessitado, porque é miséria a atrair miséria.

Que Deus o ajude.

Nós não mentimos. Podíamos «armar» e dizer que Calvário é lugar só de cruz. Podíamos..., mas não era verdade. Além de outros, mais espirituais, há momentos de muito bem estar.

Eu tenho estado aqui a escrever à beira da lareira acesa, muito quentinho. Os três rapazes mais velhos foram a casa do Senhor Abade, à lição semanal de doutrina. Edmaro e o Fernandito (um «clandestino» que a senhora cá meteu) brincam aqui ao pé. Edmaro não me deixa. Diz e repete a propósito de tudo e de nada. Eu pergunto-lhe se me dá uma entrevista para o meu jornal. Ele diz-me que quer ver. Mostro-lhe um «Gaiato».

E ele responde: «Dou sim senhor».

O Edmaro diz cada vez com maior frequência coisas acertadas. Mesmo quando não sabe o que diz. É ao contrário de muitos que raro acertam, mesmo sabendo (ou assim julgam!) o que dizem!

Rezamos o terço. Os pequenos acolhem-se à cama. Até que enfim!... tenho outra vez um pedacito de silêncio! Mas dura pouco. Zequita e Rufino vêm jogar as cartas. Há discussão. Há barulho. Os grandes regressam. De dois, o jogo passa a quatro. Mais discussão. Mais barulho. E já não sei o que escrevo. Resolvo também jogar. Mas o meu parceiro não me ajuda. Volto a escrever. Não sei o quê. Mas o tempo urge e Júlio mais Daniel pedem-me original. De

CALVARIO

dia trabalhos e dores de cabeça não me deixaram tempo nem disposição. Tenho de escrever. Não sei o quê, mas os senhores desculpem, que isto é a Casa do Gaiato.

Agora é o Portugal — Espanha em hoquei. Eu tenho a maior antipatia pelos relatos. Enervam-me por si mesmos, além do aferroamento que acontece quando o jogo é entre Portugal e Espanha. Mas tenho de me sujeitar. Os rapazes estão e morrem pelo relato. É razoável e justa a parte deles. Não sei, pois, o que escrevo. Mas isto que aqui vai, vai dum jacto, contra o meu costume. É uma cena de vida de família. Da família que nós somos. São momentos de bem estar e consolação.

Bendito seja Deus pelo doce e pelo azedo que nos dá a provar!

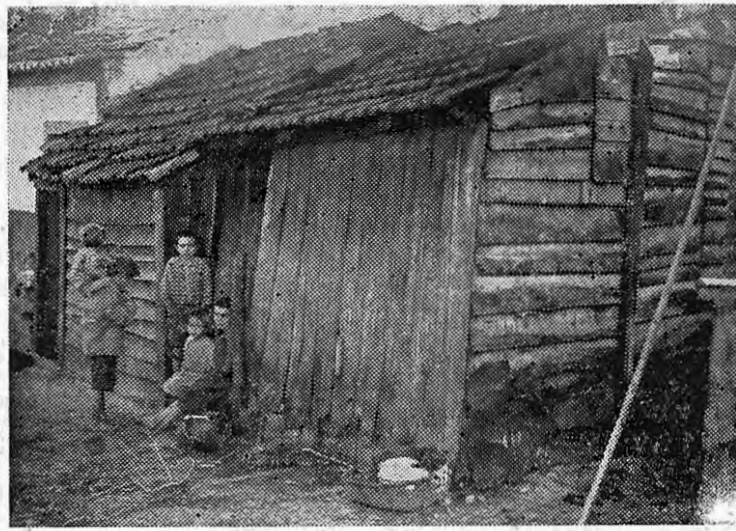
x x x

O primeiro lugar aos de todas as horas; àqueles que se associaram às nossas e nos levam a comungar nas deles.

«Humilde Português»: «Envio 100\$, quota mensal do costume, pela saúde de meu bom marido».

«Amando os homens por amor de Deus...». Outros 100\$, «mensalidade relativa a Novembro».

CONTRASTES



Os censos acusam 200 mil famílias a viver no pardieiro.



Passo a passo, o Património, dando as mãos a outras soluções diversas, vai no caminho das 200 mil

«Um Amigo dos Pobres» 200\$, «correspondentes a Outubro e Novembro». A da casa «Ouvi-me, Senhor», com outros 100\$. E duas vezes 20\$: De «Ninguém» e de «Uma doente para doentes».

A porta do Lar, mil (e outros mil prá Casa do Gaiato), «em saudade d'Aquele que souhou reavivar em nossos corações a chama da Caridade, que Jesus deixou a iluminar o mundo para sua salvação».

Cem de uma «viúva locista», «em acção de graças a Nosso Senhor, pelos felizes exames dos meus filhos e por tantos benefícios que o Senhor me concede, pois há almas boas que me ajudam também e então acho que devo lembrar-me também da grande obra que é o Calvário».

Outros cem de Mary e dez da filha mais nova. Dez de «um assinante do Porto» e o dobro de um pai, «para que Pai Américo me ilumine uma filha que não tem mãe». Quarenta da Póvoa de Varzim. Mais 13\$50 da Florinda. E quase o mesmo da R. Santos Pousada. «Uma Figueirense que muito ama a «Obra da Rua» dá sinais de que ama também o seu mais jovem rebento. E ei-la com «uma pequenina esmola» para o Calvário».

De Lisboa, 200\$ no Montepio, metade por alma de Francisco C. Baptista e o mesmo de «uma mãe amargurada».

Perto de Lisboa fica a Amadora, que manda 250\$ por intermédio da Caixa Geral de Depósitos.

Marinha das Ondas 50\$; seis vezes mais não sei de onde, com o sobranço para cinco notas destinadas à Casa do Gaiato. No Lar um cobertor. Tondela, 20\$ de uma promessa e o dobro, do Porto, «por Deus ter poupado minha Avó a uma doença que tanto receava».

Mais o que o Zequita relata na sua crónica e mais nada.

Criadas dos Pobres

Cont. da pag. UM

gios de equilíbrio para manterem as três refeições quotidianas à pequenada do Bairro. Ainda assim não temem o aumentar da barca. Os chamados por Deus não o são para remanso burguês, mas para a paz de Cristo, que «veio trazer a espada». Por isso elas não temem a tormenta. O que lhes dói é serem só cinco; «poderem ser, dentro em pouco, mais algumas; e não terem lugar nem para mais irmãs nem para mais crianças».

É a hora, pois, de o Porto me ajudar a libertar das queixas da Irmã Maria do Céu, que também são minhas e o devem ser de todos. Falta pouco... A ampliação dum casa e a construção de outra.

Então, as gerações pequeninas, em Miragaia, Ribeira e Barredo, darão futuramente à sociedade, os frutos da sementeira da Caridade que hoje fôr feita na tábuca rasa das suas almas, onde quem escrever primeiro inscreve para sempre.

PELAS CASAS DO GAIATO

BEIRE

— Nós ainda não sabemos onde fica Donelo. Mas Donelo já sabe onde é o Calvário—Beire—Paredes. Um pacote pelo correio. Chegou o aviso, fomos buscar e eram três ricas camisas de flanela para os doentes. Foram logo vestidas. O Senhor Teixeira que é o mais velho, a de riscas mais escuras, o Alfredo com a mais encarnada porque é o mais novo e o Semanel com a outra. Nem eram grandes nem pequenas. Tudo certo e eles todos contentes porque a geada cai e andavam com camisas de verão. E sabem perguntar: «A minha camisa de Donelo?». Viva Donelo. As senhoras inglesas das camisolas, também vieram trazer pijamas, chales para eles, tudo feito para os doentes. O leitor n.º 7.140 de Lisboa, quis mandar pelo caminho de ferro roupas e agasalhos, que os pobres só vestem desta categoria quando são dadas pelo amor de Deus. Uma preciosidade. E o Alfredo irá, todo tirone e quentinho de casaco de malha que já foi adaptado, amanhã assistir à missa pelos seus benfeitores.

— Os nossos Pobres de fora não têm sido socorridos como os outros anos porque não tem vindo nada para eles. Cobertores já não temos. Estamos atrapalhados.

— Faz hoje dois anos que viemos para aqui. Estava frio como agora. Esta terra é muito pobre e logo nos rodearam. São velhinhas, velhinhas e crianças a tremir de frio e a mostrar a roupa que lhes demos o ano passado e há dois anos, mas já tudo em tiras e por isso a pedir outra. Vem aí o Natal. Não deixem nada nas gavetas para a traça roer e lembrem-se dos Pobres.

— Temos cá o Rufino que veio do Lar do Porto por estar muito doente.

— O nosso Edmaro fez ontem anos e por ser o mais importante da casa, houve que lamber e fogueiras de seis tostões que ele muito gostou. Amanhã faz o Toninho que é o encarregado dos doentes e o das nossas limpezas e eu no dia 29 de Dezembro. O ano passado fiquei a zero. Quem se quer lembrar de mim este ano?

— Já inauguramos a cozinha nova e chuveiros. Daqui a pouco teremos rapazes a trabalhar na quinta e a gozar toda esta beleza.

Zéquita

LAR DO PORTO

— Já há muito tempo que não escrevo as notícias deste Lar, mas se não o faço é por ser às vezes um pouco negligencioso. Desde já as minhas desculpas.

— Partiu há dias o nosso colega Acácio Moisés para o Ultramar, para onde foi trabalhar com uns parentes que lá tem. Na véspera da partida fizemos-lhe uma pequenina festa, cheia de amizade, não faltando o vinho do Porto e mais uns docinhos.

A este nosso irmão desejamos-lhe as maiores felicidades nesta nova etapa da sua vida.

— Temos agora cá em casa um cão e dois gatos, mas quase toda a malta gosta mais do cão. Ele é muito brincalhão, por isso todos vão brincar com ele, mas já começam a aparecer alguns dedos marcados, pois quando fecha a boca é para marcar.

— Ultimamente temos andado cá em casa com campeonatos de PingPong, e por isso toda a malta anda animada e todos querem mostrar as suas reais qualidades; as bolas é que vão partindo e não aparecem mais. Portanto se houver alguma alma caridosa que nos queira enviar, basta dizer para o Lar do Porto — Rua de D. João IV, 682, Porto.

— Andam cá em casa alguns a aprender francês, mas precisávamos de alguém que nos desse umas explicações para progredirmos mais um pouco. Na época anterior havia uma senhora em Santa Catarina que nos dava 1 hora de explicações, mas como deixaram de lá ir, agora não sabemos se esta senhora está disposta a aturar-nos outra vez.

João Luciano

PAÇO DE SOUSA

— A nossa turma de futebol continua a mandar chover!

Temos treinado com vontade e os resultados estão à vista. Passamos a ferro os grupos com quem jogamos. E não há mais paleio!

— Natal! Natal!

É a palavra de ordem e sai da boca de todos com muita alegria. Como acontece todos os anos por esta altura, já se fazem planos e votos para que estes dias passem depressa!

Agora têm a palavra os nossos amigos, para que o nosso sapatinho não fique vazio.

Já ouvi quem dissesse:

— Oxalá que fosse um auto-móvel.

— Ai, eu antes queria uma mo...!

— Eu era uns óculos!

— Quero mas é umas boas rabanadas e o resto é música...

Nós também temos direito a dar opinião:

— Desejavamos um quebranozes!

E o amigo leitor não quer nada?

— Ai a minha cabeça.

— Ai, ai, ai...

— Vou-te acusar ao Augusto.

— Agora faço-te outro para cantar de manhã. Isso é contigo.

Era o Manuel Bucha que andava pesado com o Leonardo. O Manuel Bucha fez um galo a este. Depois, o Melo como é compadre do Leonardo, atira com a escova de esfrega à cabeça do Manuel Bucha.

Aparece também, com o esfregaço em punho, o Fulestreca. Vem o Zé da Mala com a vassoura. Há grande confusão. Já não se sabe de que lado está a razão e elas continuam a chover:

— Pega!

— Já ficas a saber como é...

— Daqui para diante já sabes: Sou eu que mando em ti!

Havia sangue nos dentes, no nariz. No fim todos se gabavam. Fui eu quem dei mais. Eh pá não viste aquele milho...

Quer dizer, ninguém comeu.

Chega-se ao fim e está tudo certo. Isto é a Casa do Gaiato!

— Está-se a aproximar o Natal. A grande festa do Menino Deus.

O Grupo Cénico está-se preparando para fazer ver. «Os Amigos do Pagode» também lá estarão a mandar vir. E agora com actores novos. Isto vai ser falado...

— Uma senhora duma confeitaria conhecida, quando eu fazia anos, costumava-me mandar uma prenda. Mas agora já é o diabo, pois vai dizendo que sou muito grande e estou a ver que vou ficar desarmado...

Minha senhora, para as coisas boas todos nós somos *pequenitos*. E mande sempre que queira. Como sou da Casa três, era para repartir pela malta... Portanto, doces para os da Casa três que também são *batatas*.

E viva eu!

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

O QUE RECEBEMOS: De uma nova assinante de Lisboa, 10\$. Feliz começo! Os internados no Hospital das Minas da Parnaqueira 122\$, produto duma subscrição desde Maio. Uma carta diz: «Junto a esta vão 50\$ para os Pobres. Desejava saber se receberam e peço uma Avé

Chales de Ordins

— Cont. da 2.ª pág. —

meu senhor, será para compôr a «casa» da tecedeira de que falo nos últimos «chales». A cozinha tem de servir de tudo. É o único compartimento. De renda, os olhos da cara. Quando chove, a vizinha dá-lhe licença para dormir na sua cozinha.

Melres veio por 7. Macedo do Pêso dois. Vila da Rua segue, com o seu, contente, pelo bem que faz a Ordins («tenho o prazer hoje de encomendar mais um chalo»). O Macaquito da Casa do Gaiato de Paço de Sousa quer levar um para Barcelos. Veremos se é mais bem sucedido do que o seu companheiro que deixou um no combóio...

S. João da Madeira e Carrazedo de Montenegro seguem juntinhos. «Se Deus quiser, em breve estarei presente com novo pedido». Do Porto, um. Ai, Porto, que deixaste a camisola amarela!...

Abrunheira mais um. É para «uma senhora minha amiga que o quer para uma criadita. «Brevemente encomendo outro chale para mim, pois desejo dar o meu o ano passado veio a uma creada». Lisboa, encomendando um, confessa: «é para agasalhar os ossos de uma criada renitente que se sente infeliz, porque não abraça com amor a cruz que Nosso Senhor lhe envia». É caso para dizer: e as outras senhoras não se lembram das suas servidoras, no Natal, com um chale de Ordins?

PADRE AIRES

Tojal — Conferência

Uma das muitas visitas e o que delas podemos aprender.

Saio de casa com seringa e injeção na mão, em direcção à minha pobre, levando por companheiro o Carlos para servir de enfermeiro.

Cheguei. Fiz como de costume um breve e levíssimo ruído na porta ao que ela respondeu sempre alegremente: «Lá vem ele». Depois entrei.

Com a porta semi-aberta esperei meu companheiro que se atrasou um pouco, não sei porquê. Entrou, ambos nos dirigimos para a repartição onde se encontrava no leito angustiada, melancólica e abatida de tanto sofrer e cismar nos seus.

— Como vai isso, Tia Efigénia? — retorqui eu.

— Na mesma José! — exclamou ela.

Lancei-me alguns minutos na meditação para recuperar as forças quebradas pela exclamação da velhinha.

Depois de ter visto que estava tranquilo, que tinha cumprido o meu dever de vicentino disse-lhe:

que isso só lhe prejudica mais a sua diminuta saúde.

— Deixe-se de cismar tanto,

— Tem razão José, mas... olhe, eu estou neste estado, minha filha também. E se o meu querido neto cair também na cama? Deus seja bendito por todos os benefícios.

E continua:—Habituei-me ao sofrimento. Já não me custa muito sofrer. Agora sei como é bom sofrer. É o que melhor podemos receber de Deus.

— Sim... mas só quando nos apresentarmos diante de Deus com a alma cheia da Sua graça, é que podemos afirmar uma coisa dessas.

— Ai, gemia a velhinha frequentemente.

— Bem, Ti Efigénia, já se faz tarde, vou-me embora. Adeus e obrigado pela lição. Deus lhe alivie as suas dores. Se for da Sua vontade que lhe cure a sua doença.

O que deles aprendemos! Quanto nos afastamos!

Era a ti que eu queria ver-te sentado na cama ao lado deles, apanhar com o bafo quente na cara e ouvir estas verdades. Sim, era a ti.

— Amigos. Chegou o frio. Os Pobres já o anunciaram.

Não tem roupas nem cobertores! Isto dizem os confrades na reunião. Eles têm razão. Mas a conferência não os tem. Então quem é que tem? Só os senhores para si e para eles. Vamos lá, mandem. O frio que passam de manhã à noite é medonho!

Quero também lembrar que está próximo o Natal. Já sabem o que quero dizer... Não há razão de queixa. O aviso vai a tempo.

Olhem o Natal dos Pobres!

Zé do Porto

do número 26.424. Doutor Francisco Brandão, Porto, 50\$. Viva o Porto! Outra nova assinante, de Lisboa, 50\$. Viva Lisboa! Delfim Santos de S. Pedro da Cova, 10\$. Alice Camacho Pereira, de Leça, o dobro. Manuel Pinto informa: «Já almocei muitas vezes em casa desta Senhora quando ia vender o jornal a Leça». Quinta da Vaqueirinha, Beira Baixa, 40\$. E Madalena Lopes 30\$ «para o Pobre mais necessitado».

S. O. S. — Vem lá o Natal e todos os anos costumamos distribuir uma farta consoada. Porém, hoje fomos ver a escrita. Caimos por terra — devíamos oito contos!! E agora? Se os senhores não acodem vamos pró fundo.

Júlio Mendes